

## **Mapeando Atitudes, (Des) Motivação e Orientação para Aprender Inglês**

### **Mapping attitudes, (de) motivation and orientation to learn English**

Denise Chaves de Menezes Scheyerl\*

\* Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador - BA, 40170-115,  
e-mail: flaviusanjos@gmail.com

Flávio Almeida dos Anjos\*\*

\*\* Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB, Cruz das Almas - BA, 44380-000, e-mail: flaviusanjos@gmail.com

**RESUMO:** O presente artigo versa sobre as atitudes de quarenta e dois alunos em relação à aprendizagem da língua inglesa. Para tanto, são delineados fatores que estão intimamente relacionados às atitudes, tais como orientação, motivação, desmotivação, ideologia e resistência. Este trabalho, desenvolvido à luz da linguística aplicada, tem caráter interdisciplinar, e por isso está ancorado nas concepções sobre o tema, encontradas na psicologia social. Os dados apresentados aqui foram obtidos através de uma pesquisa etnográfica sobre atitudes, desenvolvida em duas escolas públicas, na região do Recôncavo Baiano por Anjos (2013). Foram utilizados três instrumentos de geração de dados: um questionário, uma entrevista e observação de aulas. Os resultados apontaram alto grau de atitudes positivas para aprender inglês e de orientação instrumental. Entretanto, alguns estudantes pesquisados sinalizaram atitudes negativas. Os resultados são discutidos na parte final do artigo com a apresentação de dados qualitativos e quantitativos.

**PALAVRAS-CHAVES:** atitudes, língua inglesa, motivação.

**ABSTRACT:** The present paper is about forty-two students' attitudes toward the English language. Therefore, factors which are closely related with attitudes are delineated, such as orientation, motivation, demotivation, ideology and resistance. This work, developed under the light of applied linguistics, has an interdisciplinary nature, and because of this it is anchored in the conceptions on the theme, from social psychology. The data were collected through an ethnographic research about attitudes, developed in two public schools, in the Recôncavo region, in Bahia state, by Anjos (2013). It was used three instruments of data collection: a questionnaire, an interview and classroom observation. The results pointed high level of positive attitudes to learn English and also instrumental orientation. However, some students revealed negative attitudes. The results are in the final part of the paper, with both qualitative and quantitative data.

**KEYWORDS:** attitudes, English language, motivation.

Reações avaliativas por parte de aprendizes no contexto das escolas regulares são quase sempre ignoradas, embora sejam vias para aprimorar o processo pedagógico. Essa perspectiva se alinha com os princípios basilares da Linguística Aplicada, porque é preciso convidar aqueles que vivenciam as práticas sociais para opinar, o que é uma dimensão essencial em áreas aplicadas (MOITA LOPES, 2006) na busca por melhores condições de vida. Por isso concordamos com Rojo (2006) no sentido de que o fito maior da Linguística Aplicada é investigar problemas relacionados à linguagem, socialmente contextualizados, para (re)construir a vida social, a partir da elaboração de alternativas que beneficiem os atores sociais. Desse modo, a maneira como aprendizes percebem o processo de ensino e aprendizagem pode contribuir para tomadas de decisões que aperfeiçoem a práxis pedagógica e favoreçam uma formação alinhada com as demandas sociais. Tal iniciativa possibilita o desenvolvimento de um evento dialógico, que coloca em evidência o valor das emoções, da sensibilidade, da intuição e da afetividade. (FREIRE, 1996). Ao sinalizar se gostam de aprender línguas ou não, estudantes assumem papel ativo no processo pedagógico e evidenciam as suas habilidades para reagir a elementos do ensino e da aprendizagem, numa demonstração inequívoca da sua capacidade crítica e avaliativa.

Tais reações avaliativas, quando negativas, por exemplo, podem sinalizar problemas com algum dos elementos constitutivos do ensino e da aprendizagem de línguas, que pode ser o professor, o material didático ou a abordagem de ensino. Essa capacidade avaliativa, em outros termos, é o que entendemos por ‘atitude’. Nessa linha de raciocínio, este artigo pretende socializar e discutir os dados de uma pesquisa etnográfica sobre as atitudes de quarenta e dois aprendizes de língua inglesa. Objetivase, assim, elucidar a relevância da compreensão das atitudes, no contexto de aprendizagem das línguas estrangeiras e, conseqüentemente, como forma de alertar educadores/pesquisadores sobre o fato de que as atitudes, embora passem, em muitos contextos, despercebidas, sinalizam reações que apontam para problemas de aprendizagem. O artigo retoma e amplia a investigação conduzida por Anjos (2013) em sua dissertação de Mestrado, ao observar as atitudes dos quarenta e dois sujeitos no

contexto da sala de aula de língua inglesa, em duas escolas públicas localizadas na cidade de Cachoeira, Bahia<sup>1</sup>.

Para a condução de nossas reflexões tomamos os mesmos paradigmas de Anjos (2013), ou seja, nos fundamentamos nos princípios da pesquisa qualitativa, sem desconsiderarmos a quantificação dos dados, por entendermos que ela complementa a dimensão qualitativa. Para tanto, três instrumentos etnográficos foram utilizados para a geração dos dados: um questionário contendo 25 (vinte) perguntas, entre abertas e fechadas, uma entrevista do tipo livre narrativa e as observações de campo.

#### ATITUDES: um estudo interdisciplinar

No contexto da sala de aula de línguas estrangeiras em geral, diversas ações passam despercebidas, o que não quer dizer que elas não tenham um sentido, nem muito menos sejam irrelevantes. No bojo dessas ações, algumas atitudes podem sinalizar problemas no processo de ensino/aprendizagem das línguas estrangeiras. As atitudes, objeto observacional da Linguística Aplicada, trazem consigo significados que podem auxiliar educadores críticos a compreender o processo de ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira. A compreensão das atitudes tem sido relevante para, de fato, se verificar como aprendizes e educadores aprendem/ensinam melhor, e o que impede a aprendizagem. Nesse sentido é que Hosseini e Pourmandnia (2013) concluem que:

Tornou-se evidente que atitude e percepção desempenham papéis significantes em permitir que aprendizes aprendam eficientemente [...] Portanto, podemos concluir que ter atitudes positivas ou negativas em relação a uma certa língua e a maneira como aprendizes percebem a língua pode exercer influência considerável sob as suas performances na própria língua.

A compreensão das atitudes ocorre satisfatoriamente no âmbito da Linguística Aplicada, cujo caráter inter/transdisciplinar/multidisciplinar possibilita diálogos com áreas como a Psicologia Social, a Análise do Discurso e com a Pedagogia Crítica. A respeito dessa interação, por exemplo, é que na Psicologia Social encontramos conceitos como motivação e desmotivação, os quais estabelecem uma relação sólida com as atitudes. A Análise do Discurso, nesse diálogo interdisciplinar, auxilia

---

<sup>1</sup> No momento, Anjos está elaborando a sua tese de doutorado sobre atitudes em relação à aprendizagem do inglês, com alunos de um Bacharelado Interdisciplinar, no estado da Bahia a ser concluída em 2018.

pesquisadores/educadores a compreender as atitudes através dos conceitos de discurso e ideologia.

Alguns estudos já têm sido conduzidos no intuito de mapear atitudes de aprendizes de línguas estrangeiras (ALLPORT, 1954; GARDNER, 1985; EAGLY; CHAIKEN 1993; SCHWARZ; BOHNER, 2001; SIREGAR, 2010; ABIDIN, 2012; AHMED *et al.*, 2015; SIMING *et al.*, 2015). Entretanto, parece que nenhum deles se alinha com perspectivas interdisciplinares, trafegando apenas pelos seus próprios eixos. Contudo, é justamente a abordagem interdisciplinar que pode possibilitar uma compreensão mais acurada das atitudes. No cerne dessa reflexão, defendemos que as atitudes podem ser categorizadas em Positivas, Negativas e de Supervalorização em relação à língua e à cultura estrangeiras. Antes de comentar essas categorias, é oportuno, inicialmente, apresentarmos alguns conceitos de atitudes já propostos na literatura contemporânea.

## CONCEITUANDO ATITUDES E SEUS FATORES

O conceito de ‘atitude’ vem sendo delineado desde a década de 1930, quando Allport (1931, 1954) defende ‘atitude’ como um estado de prontidão neural e mental, estruturado pelas experiências dos indivíduos e que exercem uma influência dinâmica sobre as respostas aos objetos e situações com as quais esses indivíduos se relacionam. Gardner (1985), também à luz da Psicologia Social, reforça que as atitudes são reações avaliativas com base em crenças e opiniões pessoais. Com pensamento semelhante, Hosseini e Pourmandnia (2013) compreendem ‘atitude’ como uma reação responsiva de caráter positivo ou negativo em relação a ideias, objetos, pessoas ou situações. Nessa mesma linha, Eagly e Chaiken (1993) defendem que ‘atitude’ é uma tendência psicológica materializada, quando um indivíduo aprova ou reprova uma entidade particular. Tais noções se alinham com a noção elaborada por Gardner (1985), porque estão assentadas em princípios de julgamentos, de assentimento ou recusa.

Nessa perspectiva, Anjos (2013), ao levar em consideração o contexto de ensino/aprendizagem da língua inglesa, defende que ‘atitudes’ são posicionamentos favoráveis ou desfavoráveis em relação aos elementos que constituem o processo de ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira, que pode ser o professor, o material didático, a própria língua e a cultura estrangeiras, a metodologia ou a abordagem de ensino. Desse modo, quando se propõe investigar e registrar as atitudes, o pesquisador

busca, portanto, mapear também elementos que geram as atitudes. Por exemplo, ao tentar compreender a ocorrência das atitudes negativas, o pesquisador irá se deparar com a desmotivação dos aprendizes, com a resistência e/ou com a ideologia, conforme defende Anjos (2013).

No tocante à categoria das atitudes positivas, para compreendê-las é preciso, de igual modo, verificar o que gera tais atitudes. Desse modo, é razoável dizer que dentre diversos fatores, a motivação é o que pode gerar atitudes positivas. Por conta disso, para compreender as atitudes há a necessidade de esclarecer o conceito de motivação e o que faz aprendizes desenvolvê-lo, no contexto de aprendizagem de uma língua estrangeira. A motivação tem sido definida de algumas maneiras. Para Fernández e Callegari (2009), por exemplo, mensurar motivação não é uma tarefa fácil, o que para Bzuneck (2011) pode ser aferida com base nas tarefas pertinentes ao processo de aprendizagem ou na escolha da rota feita pelo aprendiz. Já Dörnyei (1994) ao entender que existem componentes motivacionais específicos do contexto de aprendizagem de línguas, acredita que motivação é um constructo eclético e multifacetado, que envolve os níveis do aprendiz, da língua e da situação de aprendizagem. Nas suas reflexões, Dörnyei (1994) oferece trinta (30) estratégias para motivar aprendizes de línguas, tais como provocar o desenvolvimento da sua consciência cultural, desenvolver a autoconfiança, discussão dos temas de aulas etc. Para Ahmed (2015), a motivação é uma espécie de direcionamento interno que encoraja alguém a buscar um curso de ação.

Uma outra definição, a de Gardner (1985) considera motivação como uma espécie de realização pessoal, animada por uma satisfação, interesse e prazer do indivíduo. (LAI, 2011) Para o primeiro autor, a resposta ao questionamento “Por que um organismo se comporta como se comporta?” se relaciona com motivação, porque ela nos dá noção da razão pela qual um indivíduo se move para realizar algo. Gardner (1985) postula que três fatores juntos originam motivação: (1) desejo de aprender uma língua, (2) o esforço para alcançar a meta de aprender tal língua, mais (3) atitudes favoráveis em relação ao aprendizado de uma determinada língua. Já para Bzuneck (2001), motivação ou o motivo é o que move uma pessoa, o que a põe em ação ou a faz mudar de curso. Daí dizer que motivação pode gerar atitudes, pois “quando as pessoas decidem fazer alguma coisa, a motivação é responsável por essa atitude”. (JACOB, 2004, p. 34)

Ainda é possível compreender motivação de duas maneiras, a intrínseca e a extrínseca. A motivação intrínseca, como o próprio nome denota, é um tipo de

motivação que emerge do íntimo do aprendiz, uma espécie de propensão pessoal, íntima que faz um indivíduo agir, sem necessariamente vislumbrar recompensa. Este tipo de motivação é consolidada quando um aprendiz se envolve em desafios e uma espécie de inclinação natural o impulsiona a fazer algo. Para Guimarães (2001), pessoas motivadas intrinsecamente estão à busca de novidade, diversão, buscam satisfazer as suas curiosidades e encontram prazer no próprio percurso. Nicholson (2013, p. 278) compartilha dessa visão, ao dizer que:

A motivação intrínseca tem como princípio que os seres humanos são seres ativos que necessitam de autonomia e detêm uma curiosidade inata. A motivação intrínseca está presente quando aprendizes procuram e participam ativamente em atividades sem terem que ser recompensados por materiais ou atividades fora da tarefa de aprendizagem. A motivação intrínseca diz respeito às tarefas que são gratificantes nelas mesmas, tais como o prazer em resolver um quebra cabeça, aprender ou jogar vídeo game. Os fatores motivadores para realizar tais ações não são externos, mas internos.

Já através da motivação extrínseca, o aprendiz decide fazer algo impulsionado por fatores externos, como para obtenção de recompensa e reconhecimento social. A respeito disso, é que obtenção de notas altas, competição, melhores salários, progressão na carreira e para agradar aos pais, chefes ou professores são exemplos de fatores externos que podem impulsionar as pessoas a realizarem uma determinada ação. Nessa linha de raciocínio, Nicholson (2013, p. 278) destaca que:

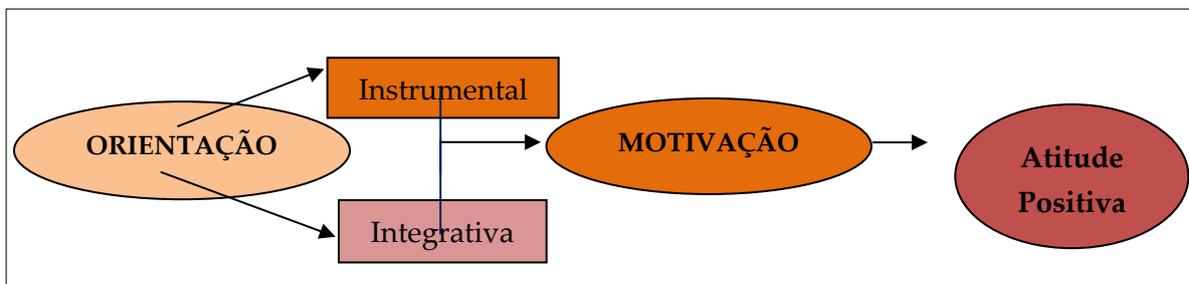
Diferente da motivação intrínseca, a motivação extrínseca envolve engajamento em tarefas devido a fatores externos. Isso significa trabalhar por dinheiro e comida, ou envolver-se em ações para evitar prejuízos.

Por isso, pessoas motivadas extrinsecamente realizam ações para atender a pressões e comandos sociais, para comprovar suas habilidades, movidos por recompensas materiais ou sociais. (GUIMARÃES, 2001).

Todavia, ainda é preciso compreender o que leva um indivíduo a ter motivação. Pode-se partir do princípio de que a orientação, o que, de acordo com Gardner (1985), seriam classes de razões para se aprender uma língua, é o que gera motivação e, conseqüentemente, atitudes positivas. Gardner (1985) menciona basicamente dois tipos de orientação: a instrumental e a integrativa. A primeira é quando aprendizes se engajam no processo de aprendizagem por objetivos práticos, como para passar no vestibular, progredir na carreira etc. Já a segunda é quando aprendizes almejam aprender uma língua para se integrar a outra comunidade linguística. É relevante

esclarecer que os aprendizes podem apresentar uma classe ou outra de orientação, mas também as duas concomitantemente, porque uma não anula a outra. (cf. ANJOS, 2013) Baseado nisso, formulamos um *continuum* das atitudes positivas, conforme a figura 1 a seguir:

**Figura 1 – Continuum: orientação, motivação e atitude positiva.**



**Fonte: elaborado pelos autores.**

No rastro dessa reflexão, é possível dizer que existe uma relação entre as orientações e os tipos de motivação, porque parece evidente que se um aprendiz apresenta orientação instrumental, ele provavelmente terá uma motivação de natureza extrínseca, tendo em vista que fatores externos estão em cena, gerando a sua motivação. Por outro lado, se um aprendiz revela orientação integrativa, ele desenvolverá motivação de natureza intrínseca, pois parece mais evidente que essa motivação se ancora em um desejo pessoal, íntimo.

Por outro lado, aprendizes de língua inglesa podem apresentar atitudes negativas. As atitudes negativas são posicionamentos desfavoráveis em relação aos elementos constitutivos do processo de ensino/aprendizagem da língua estrangeira, tais como ao professor, ao material didático, à metodologia, à carga horária de ensino/aprendizagem, à própria língua e à cultura estrangeiras. Seguindo o raciocínio anterior, utilizado para compreender as atitudes positivas, é essencial compreender o que está por trás das atitudes negativas. Assim, inicialmente, é possível dizer que a desmotivação é o que gera atitude negativa e a desmotivação, por sua vez, está assentada em dois fatores: 1. Resistência e 2. Ideologia.

Quando falamos sobre o fator resistência, fazemos referência ao fato de que aprendizes podem ter resistência ao professor, ao material didático, à metodologia, à carga horária de ensino/aprendizagem, à própria língua estrangeira ou à abordagem de ensino. Quanto a isso, Paiva (2009) enfatiza que tem percebido que muitos aprendizes passam por um percurso escolar mediado por cansativos encontros de explanação gramatical e conclui que os alunos da educação básica já perderam a esperança de ter aulas que façam sentido para eles e, por isso, são os mais desmotivados. Já Almeida

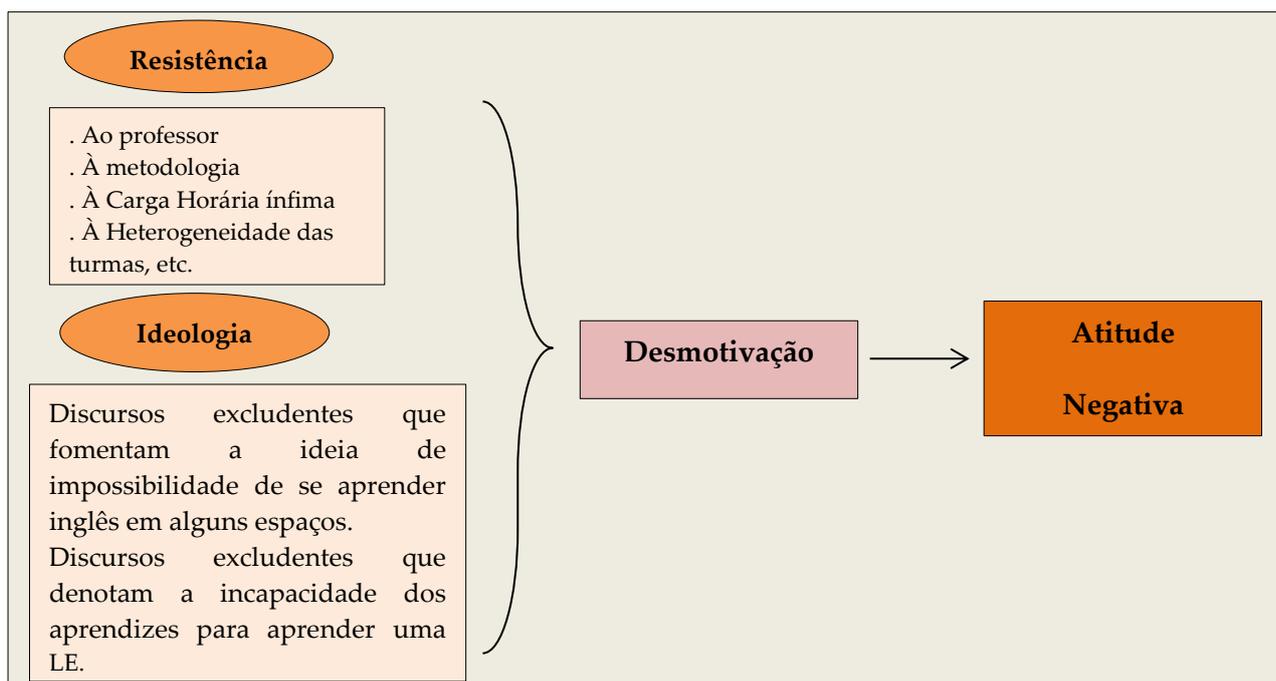
Filho (1993) destaca que o desencontro marcado pela incompatibilidade entre a cultura de aprender dos alunos e a abordagem de ensino de um professor gera resistência, dificuldades, fracasso e desânimo para aprender uma nova língua. Seguindo o raciocínio de Almeida Filho (1993), Jorge (2009) alerta que tais desencontros sinalizam resistência por parte dos aprendizes, já que pelas suas condições de jovens, eles resistem a propostas que não sejam adequadas às suas realidades e, nesse sentido, a autora afirma que:

O comportamento dos alunos é muito mais uma forma de resistência a práticas pedagógicas que não lhes são significativas. Não por acaso tantos professores, no mundo inteiro, veem que seus alunos não são mais aqueles...prefiro acreditar que não se trata apenas de uma forma de manifestar desinteresse, mais uma demanda por mudanças na educação e na escola. (JORGE, 2009, p. 166)

De acordo com o fator ideológico, os aprendizes podem ser afetados por uma ideologia que propaga perversamente discursos excludentes de que não se aprende inglês em determinados espaços (como a escola regular, sobretudo, a pública) ou discursos que fomentam a incapacidade dos aprendizes. Na visão de Bakhtin (1997), quando um indivíduo repete discursos alheios, ele opera realizando uma ‘atitude responsiva ativa’ e que, segundo esse autor, cedo ou tarde, o que foi dito por um locutor encontrará eco no discurso ou no comportamento de um ouvinte. Por isso discursos comuns ouvidos nos corredores das escolas, como “Aprender inglês pra quê?”, “Inglês não reprova”, “Qualquer um pode ensinar inglês”, “Eu odeio inglês”, “Eu não vou cair nessa neurose de aprender uma língua estrangeira”, “Aprender uma língua estrangeira não serve pra nada mesmo” são representativos de atitudes negativas de natureza ideológica.

Ao enveredarem por tal rota, muitos aprendizes acabam permitindo a consolidação do que Leffa (2007) chamou de autoexclusão do aluno no processo de ensino/aprendizagem. Leffa (2007) destaca que quando um aprendiz diz ‘eu odeio inglês’, esse discurso não é produzido de dentro para fora, muito pelo contrário, se dá de fora para dentro. Pronunciamentos dessa monta são alimentados no seio da sociedade, o aprendiz internaliza e passa a reproduzi-los. Assim, tanto a resistência quanto a ideologia dominante são fatores geradores de desmotivação e, conseqüentemente, de atitudes negativas. A seguir está ilustrado o *Continuum* das atitudes negativas:

**Figura 2: *continuum* as atitudes Negativas**



No rastro dessa reflexão, acrescentamos ainda que é possível ocorrerem atitudes de supervalorização em relação à língua e à cultura estrangeiras. Definimos atitudes de supervalorização como reações, posicionamentos de exaltação, de adoração desmedida ao que é estrangeiro, à língua, ao sotaque, às produções de um povo, etc. Acreditamos ser propício expressar aqui o conceito de cultura adotado. Nessa linha de pensamento, Hall (1989) destaca que a cultura envolve a maneira como as pessoas se expressam, incluindo as suas emoções, como elas agem e pensam. Para esse autor, o ato natural de pensar é modificado pela cultura e não há nenhum aspecto da vida humana que não seja tocado e alterado pela cultura.

Laraia (2015), com base nas ideias de Tylor, defende visão semelhante, ao compreender cultura numa perspectiva etnográfica, como um todo complexo constituído de conhecimento, arte, moral, crenças, leis, costumes, outras capacidades e hábitos que os indivíduos podem adquirir numa determinada sociedade..

Estabelecidos esses paradigmas, faz-se necessário discorrer sobre argumentos que corroboram o posicionamento aqui assumido, isto é, o de que o ensino da LE não deve ser conduzido exclusivamente com base nas culturas hegemônicas do idioma em questão. No caso específico da LI, portanto, deve-se levar em consideração o seu *status* de língua franca mundial, almejando desconstruir noções equivocadas, que tanto constroem e colocam as pessoas numa posição de inferioridade, contribuindo para a desvalorização das culturas locais, quando se propaga a velha e hoje anacrônica ideia de superioridade do inglês, do falante nativo e das culturas desses falantes.

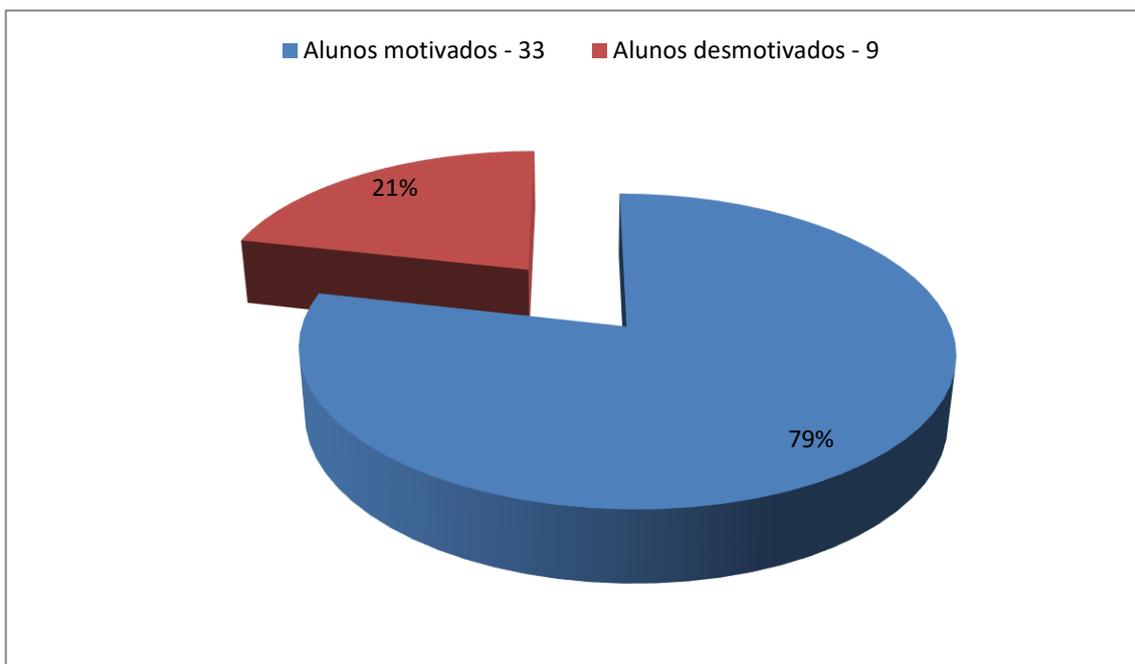
Tais atitudes são fomentadas por professores e alunos no contexto de aprendizagem e acabam originando sentimento de inferioridade nos aprendizes. Nessa linha de raciocínio, Rajagopalan (2003) observa que muitos alunos se sentem envergonhados das suas condições linguísticas, porque a língua e a cultura estrangeiras são sempre apresentadas como superiores às deles. Findamos aqui esta parte teórica para a compreensão das atitudes e, na seção seguinte, apresentamos alguns dados da pesquisa mencionada no início deste artigo.

## SOCIALIZANDO ALGUNS DADOS

Os dados desta pesquisa foram gerados com base em momentos distintos. Para tanto, foram utilizados três instrumentos de coleta de dados. Primeiro, foi aplicado um questionário. Segundo, foi realizada uma entrevista do tipo livre narrativa e, por fim, foram observadas algumas aulas. É relevante dizer que a pesquisa foi realizada em contextos diferentes, com dois grupos de aprendizes, do ensino fundamental e médio.

Inicialmente destacamos que os dados gerados e analisados desta pesquisa etnográfica, com dois grupos de estudantes de línguas inglesa, oriundos de duas escolas públicas, uma municipal e outra estadual, no município da Cachoeira, na região do recôncavo baiano, evidenciaram um alto grau de atitudes positivas em relação à aprendizagem da língua inglesa, porque as informações apontaram que 79% dos participantes tinham motivação para aprender inglês. Entretanto, 21% deles revelaram não se sentir motivados para aprender a língua, o que denota atitudes negativas. A seguir, está o gráfico representativo da motivação e desmotivação dos alunos pesquisados:

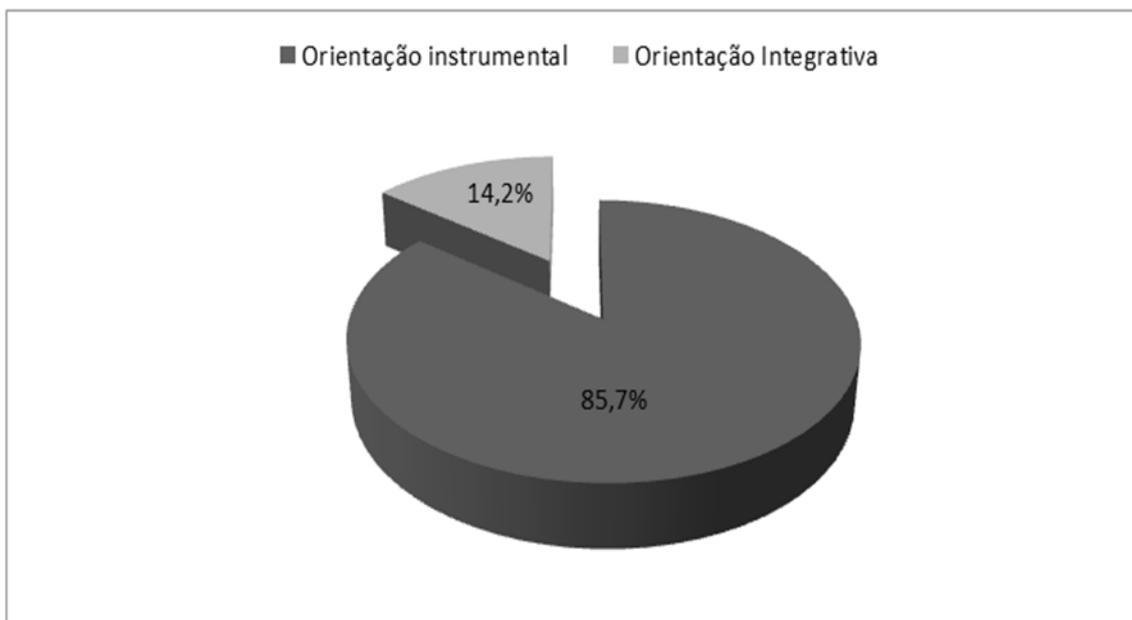
**Gráfico 1: A motivação e a desmotivação dos alunos aprender inglês na escola pública.**



Quanto às atitudes positivas, é possível dizer, com base nos dados, que elas estavam assentadas na motivação e, esta, por sua vez, estava ancorada nas orientações, ratificando, de fato, a relação entre os elementos, dispostos no *continuum* das atitudes positivas. Prova disso é que quando questionados por que queriam aprender inglês os sujeitos A2, A6 e A7, por exemplo, sinalizaram motivação e revelaram traços de uma orientação mais instrumental, ao dizerem, respectivamente que: ***“Para me ajudar no mercado de trabalho”, “Pra ter um futuro de emprego melhor” e “Pra obter um futuro melhor”***. Num outro momento, A3, A5 e A9 revelaram traços de uma orientação mais integrativa, quando externaram, respectivamente: ***“Pra poder me deslocar ... falar com outras pessoas, pra não ficar perdida”, “Aprender inglês assim... para quando for pro país saber falar , traduzir” e “Pra quando tiver uma pessoa de fora, que tiver falando inglês, eu puder falar também”***.

Quanto às orientações, a análise dos dados possibilita dizer que a maioria dos participantes da pesquisa empreendida, 85,7% revelaram traços de uma orientação mais instrumental, ao registrarem que desejavam aprender inglês para ler, para viajar, para adquirir conhecimento e obter melhores empregos. Por outro lado, 14,2% deles revelaram ter traços de uma orientação mais integrativa, ao afirmarem que queriam aprender inglês para fazer amigos mundo afora. Ficando evidente, desse modo, que estudantes brasileiros de inglês ainda se engajam no processo motivado mais por fatores extrínsecos do que intrínsecos. A seguir, está o gráfico das orientações para se aprender inglês:

Gráfico 2: Orientações para se aprender inglês



Fonte: ANJOS (2013).

Ainda, no tocante às aulas de língua inglesa, muitos dos participantes revelaram ter atitudes positivas e, tais atitudes estavam possivelmente assentadas na abordagem de ensino. A3, A4, A5 e A9, por exemplo, revelaram ter atitudes positivas em relação à aprendizagem da língua inglesa, quando disseram respectivamente: *“Eu acho divertida, que assim a gente aprende várias maneiras de se comunicar com as pessoas”*, *“Apesar que eu chego tarde, acho interessante [risos]”*, *“Maravilhosa”* e *“Eu acho ótima”*.

Por outro lado, constatamos a ocorrência de atitudes negativas, ancoradas na desmotivação, porque os dados indicaram que quando foram questionados se se sentiam motivados para aprender inglês, no contexto escolar, A2, A6 e A10, por exemplo, disseram respectivamente: *“Esse ano não”*, *“Mais ou menos, às vezes, nem todas as vezes eu sou interessado para estudar”* e *“Rapaz, aqui no colégio não, vei, na moral”*. Nessa linha de raciocínio, os dados apontaram também atitudes negativas de natureza ideológica. Um dos registros etnográficos, das observações das aulas, trouxe à tona um discurso carregado de uma ideologia que equivocadamente subestima aprendizes, a sua capacidade para falar a própria língua materna, o que gera desmotivação, levando-os a acreditar que se mal sabem falar a própria língua, quanto menos uma língua estrangeira. Essa questão ratifica a noção defendida por Anjos (2013) de que as atitudes negativas também estão ancoradas nos aspectos ideológicos, que afetam os aprendizes. A seguir está o registro em questão:

**Aula 2, 19 de agosto de 2011, 9º ano, ensino fundamental.**

São quinze horas e quinze minutos. O professor chega e diz: ‘vamos lá gente’. O professor faz menção a minha presença [...] Ele vai até o quadro, enquanto fala, os alunos conversam. Há nove alunos na sala. Três deles conversam no fundo da sala. O professor escreve no quadro o nome da escola e a data em inglês. Ele fala o que escreveu. Um dos alunos diz ‘**eu não sei português, quanto mais inglês**’, um outro diz ‘eu não vou sair do Brasil’. O professor diz: ‘mas você vai precisar’.

Além disso, quanto às atitudes negativas, Anjos (2013) questionou os participantes da pesquisa acerca das aulas de língua inglesa no contexto da escola pública. Os dados novamente apontaram em alguns momentos a ocorrência de atitudes negativas, quando, por exemplo, A2 e A7 disseram, respectivamente: “**Acho as aulas chatas**” e “**Às vezes um pouco chata**”. Desse modo, tal reação avaliativa pode ser indicadora de problemas na abordagem de ensino ou na cultura de aprender desses alunos, o que, conseqüentemente, teria impossibilitado engajamento no processo de ensino/aprendizagem. Nessa perspectiva, foi possível encontrar atitudes negativas ancoradas na resistência à metodologia usada pelo professor, quando, por exemplo, A4 revelou se sentir desmotivada e externou: “**Não, porque na escola não sinto vontade de aprender**” e A8: “**Não, porque o inglês é uma linguagem difícil de aprender e eu não gosto**”. Quanto a isso, Anjos (2013) verificou que as aulas, em alguns momentos revelaram ser a reprodução de uma mera prática mecânica de compêndios gramaticais, que, muitas vezes, gerou dúvida e dificuldade de compreensão, conforme o registro a seguir:

**Aula 1, 05 de agosto de 2011, 9º ano, ensino fundamental.**

O professor diz que em inglês palavras terminadas em s, ss, sh, ch, x, z e o, o plural é feito com “es”. O professor pergunta se eles entenderam. Eles dizem que sim. Um dos alunos pergunta ‘posso escrever agora professor?’, ele diz sim. Um dos alunos pergunta: ‘não tô entendendo nada’. Uma outra diz ‘copia amiga’. A aluna responde ‘tô tentando entender primeiro’. (ANJOS, 2013, p. 115).

Acreditamos que, por conta de tais práticas, os dados apontaram em alguns momentos um certo descaso com o contexto de aprendizagem. Tais atitudes se alinham com o que Anjos (2013) observou em sala de aula:

A análise dos registros etnográficos permitiu verificar, na maioria das aulas, a ocorrência de uma atitude de desinteresse e até de um fatalismo, por parte dos alunos, já que, como fica claro, não viam nenhum sentido em aprender inglês. Eles, muitas vezes, conversavam, riam, socializavam informações e faziam coisas eu nada tinham a ver com o tema da aula. [...] Percebi nos aprendizes uma atitude de desinteresse, onde nada parecia estar sendo compartilhado com objetivos práticos, reinava apenas itens gramaticais, de forma descontextualizada. (ANJOS, 2013, p. 113).

Quanto às atitudes de supervalorização, foi possível, em alguns momentos, verificar posicionamentos nesse sentido, em relação às produções internacionais, denotando uma certa inferiorização em relação ao que é nacional, conforme podemos perceber no discurso de A10 a seguir:

**A10: São melhores [os filmes internacionais], para mim são melhores...**

Tal posicionamento sinaliza a necessidade de conscientizar aprendizes em relação às questões culturais nacionais e de outros países, para que possam compreender que não existe cultura melhor que outra. Cada cultura tem as suas próprias peculiaridades, e devem ser respeitadas nas suas idiossincrasias. Assim, findamos aqui essa breve explanação dos dados gerados na pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conscientes da necessidade de disseminarmos o conhecimento científico, em especial aquele vinculado a resultados de pesquisas de caráter multidisciplinar, na área do ensino e aprendizagem de línguas na contemporaneidade, mostramos a importância de conhecermos aspectos menos investigados, tais como aqueles tematizados aqui. Assim, reflexões sobre atitudes e motivação vinculadas à orientação e ideologia no contexto da aprendizagem de uma língua tornam o processo de conscientização crítica do aprendiz mais lúcido e produtivo, além de oportunizar uma relação mais solidária entre professor e aprendiz. Não buscamos apenas esse convívio dialógico do professor com seu aluno. Enfatizamos também a importância de formarmos professores críticos e reflexivos no contexto de aprendizagem e capazes de discutirem questões relativas a políticas, normas e padrões linguísticos como hegemonia, imperialismo e identidade, para que possam desfazer atitudes de supervalorização e, assim auxiliar aprendizes de LE a aprenderem de maneira tranquila e prazerosa, sem precisar se preocupar em emular o nativo.

Nesse sentido, os alunos precisam não só serem ouvidos para co-orientarem seu processo de aprendizagem. Eles também devem ser orientados instrumentalmente e integrativamente para que possam desenvolver a motivação, ao tempo em que refletem sobre aqueles fatores que motivam e desmotivam, a exemplo da metodologia, do livro didático, da abordagem de ensino e outros.

Salientamos, assim, a importância de se investigar não só a natureza da motivação ou desmotivação, a princípio, se originada de resistência ou ideologia. Acreditamos, pois, que se os alunos (e professores) compreendem melhor que sua forma de pensar e conceber o aprendizado de uma língua estrangeira pode refletir nas suas atitudes e decisões diante dessa língua, é possível, então, que através de discussões e reflexões em sala de aula, possam ser capazes de minimizar muitas das dificuldades encontradas ao longo desse aprendizado.

É grande a expectativa para que surjam outros estudos trazendo outros constructos teóricos sobre as atitudes, oferecendo novos tipos de orientação, além da instrumental e a integrativa e outros tipos de motivação, além da intrínseca e da extrínseca e, assim, novos tipos de atitudes.

## REFERÊNCIAS

- ABIDIN, M. J. Z.; POUR-MOHAMMADI, M.; ALZWARI, H. ELF students' attitudes towards learning English language: the case of Lybian secondary students. In: *Asian Social Science*. v. 8, no. 2, p. 119-134, 2012.
- AHMED, S. Attitudes towards English language learning among ELF learners at UMSKAL. In: *Journal of education and practice*. v. 6, no. 18, p. 6-16, 2015.
- ALLPORT, G. W. The historical background of modern social psychology. In: LINDZEY, G. (Ed.). *Handbook of social psychology*. Cambridge (Mass.): Cambridge University Press, 1954, p. 3-56.
- ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas, SP: Editora Pontes, 1993.
- ANJOS, F. A. "PRA QUE ESTUDAR INGLÊS SE NÃO VOU PARA OS ESTADOS UNIDOS?": um estudo sobre atitudes de alguns alunos da escola pública em relação à aprendizagem do inglês como LE. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós Graduação em Língua e Cultura. 2013. 148 páginas.
- BAKTHIN, M. *A estética da comunicação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BZUNECK, J. A.; BORUCHOVITCH, E. (Org.). *A motivação do aluno: contribuição da psicologia contemporânea*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- DÖNEYI, Z. Motivation and Motivating in the foreign language classroom. In: *The modern language journal*, 78, iii, p. 273-284, 1994.
- EAGLY, A. H.; CHIKEN, S. *The psychology of attitudes*. Fort Worth, TX: Harcourt Brace Jovanovich, 1993.
- FERNANDÉZ, G. E.; CALLEGARI, M. V. *Estratégias motivacionais para aulas de espanhol*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 15ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GARDNER, R. C. *Social Psychology and second language learning: the role of attitudes and motivation*. London: Edward Arnold, 1985.
- GUIMARÃES, S. É. R. Motivação intrínseca, extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Org.). *A motivação do*

- aluno: contribuição da psicologia contemporânea*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. P. 37-57.
- HALL, E. T. *Beyond culture*. New York: Doubleday, 1989.
- HOSSEINI, S.B.; POURMANDNIA, D. Language learners' attitudes and beliefs: brief review of the related literature and frameworks. In: *International Journal on new trends and education and their implications*. Vol. 4, no. 4, p. 63-74, 2013.
- JORGE, M. L. S. Preconceito contra o ensino de língua estrangeira na rede pública. In: LIMA, D. C. de (Org.). *Ensino/aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 161-168.
- KUMARAVADIVELU, B. *Language Teacher Education for a Global Society: a modular Model for Knowing, Analyzing, Recognizing, Doing and Seeing*. Abingdon: Routledge, 2012.
- KROEBER. A. L.; KLUCKHOHN, C. *Culture: a critical review and definitions*. USA: Cambridge University Press, 1952.
- LAI, E. R. Motivation: a literature review. Pearson, 2011. Disponível em: [http://images.pearsonassessments.com/images/tmrs/Motivation\\_Review\\_final.pdf](http://images.pearsonassessments.com/images/tmrs/Motivation_Review_final.pdf). Acesso em: 04/ago/2017.
- LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- LEFFA, Vilson J. Pra que estudar inglês, profe?: Autoexclusão em língua-estrangeira. *Claritas*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 47-65, maio 2007.
- MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.
- NICHOLSON, S. J. Influencing motivations in the foreign language classroom. In: *Journal of International Education Research*, v. 9, n. 3, p. 277-286, 2013.
- PAIVA, V. L. M. O. Ensino de língua estrangeira e a questão da autonomia. In: LIMA, D. C. de (Org.). *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 31-38.
- RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica*. linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2003.
- ROJO. R. H. R. Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio histórica - privação sofrida e leveza de pensamento. In: MOITA LOPES, L. P. (Org). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 253-276.
- SCHWARZ, N.; BOHNER, G. The Construction of Attitudes. In: A. Tesser & N. Schwarz (Ed.) *Intrapersonal Processes (Blackwell Handbook of Social Psychology)*, Oxford, UK: Blackwell, p. 436-457, 2001.
- SIMING, I. A.; ANTHONY, E. M.; CHANNA, M. A.; CHANDIO, A. A.; LASHARI, A. A.; AL-MAMARY, Y. H. Motivation towards learning English as second language among science undergraduates' Pakistan: a case study of QUEST Pakistan. In: *Medwell Journals*, n. 10, v. 6, p. 718-722, 2015.
- SIREGAR, F. L. The language attitudes of students of English literature and D3 English at Maranatha Christian University toward American English, British English and Englishes in Southeast Asia, and their various contexts of use in Indonesia. *Philippine ESL Journal*, v. 4, p. 66-92, 2010.

Data de recebimento: 17/08/2018

Data de aprovação: 03/12/2018